

DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullo (Orgs.) *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora Unesp, 2002; 322 p.
ISBN: 85-7139-377-X

Profa. Dra. Norma Breda dos Santos, UnB
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais e
Departamento de História

Haim Cohn era conhecido como um dos criadores do sistema legal israelense e como grande defensor dos direitos civis. Faleceu aos 91 anos, no dia 10 de abril, em Israel (*Haaretz*, 11/04/2002). Cohn nasceu na Alemanha e, em 1930, foi para a Palestina, então mandato britânico. Dois anos depois, voltou para a Alemanha a fim de terminar o curso de Direito. Por causa da ascensão do Nazismo, retorna à Palestina pouco depois. Cohn sobreviveu ao que os israelenses chamam de “Guerra de Independência”, conflito entre o recém-criado Estado de Israel (14/05/1948) e os Países árabes vizinhos. Também sobreviveu à Guerra dos Seis Dias (05-10/06/1967), à Guerra do Yom Kipur (outubro de 1973) e a tantas outras vicissitudes e tragédias que assolam a região onde habitou durante a maior parte de sua longa vida. Haim Cohn não viveu o bastante, porém, para ver a paz reinar na região. Muitos outros judeus israelenses não chegaram nem de perto à idade de Cohn. Um número muito maior de palestinos também não teve esse privilégio.

Não é fácil entender a intrincada história do conflito Israel-Palestina, que parece ter se tornado ainda mais complicado com a virada do século. O livro **Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global** propõe-se a enfrentar esse desafio. Organizado por Gilberto Dupas e Tullo Vigevani, **Israel-Palestina...** teve como embrião um seminário organizado há dois anos pelo Instituto de Estudos Avançados, da USP. O resultado é um amplo debate sobre o conflito médio-oriental, realizado por intelectuais israelenses, palestinos e brasileiros, inédito no Brasil. Dividido em três partes, o livro contempla a questão israelo-palestinense desde uma perspectiva global, passando por questões específicas que o criaram, abordando, ainda, a visão brasileira sobre o conflito.

A primeira parte de **Israel-Palestina...** – Contextualização – está composta de dois amplos capítulos, Tullo Vigevani, Rodrigo Cintra & Alberto Kleinas, e Peter Demant que buscam compreender o conflito entre israelenses e palestinos considerando as alterações por que passou o contexto internacional global, do final do século XX ao início do século XXI. A partir de “elementos de anacronismo e contemporaneidade”, visa tornar perceptível “algumas das razões que fazem persistir o conflito ao longo do tempo (...) e as forças que poderiam dar suporte a um processo de paz”. Trata também do processo de paz de Oslo, interrompido pelo impasse que resultou, entre outras coisas, da rejeição de Yasser Araf à oferta de dividir Jerusalém, feita em Camp David por Ehud Barak, em 2000. Ao assinalar o pensamento político subjacente ao comportamento das partes envolvidas no conflito, ajuda a entender o fracasso que se transformou na atual ofensiva militar comandada por Ariel Sharon.

A segunda parte do livro – As questões substantivas – compõe-se de cinco capítulos Riad Malki, Ephraim Kleiman, Edward Kaufman & Ibrahim Bisharat, Manuel Hassassian e Peter Demant. Tratam do acesso ao conhecimento tecnológico como elemento imprescindível de inserção internacional e de desenvolvimento interno das sociedades israelense e palestina, elemento que tem sido furtado à última. Estuda-se, ainda, as possibilidades e limites do assimétrico relacionamento entre as economias israelense e palestina, a importância de introduzir-se compromissos relativos ao respeito dos direitos humanos no processo de paz israelo-palestino e de empreender-se uma série de outros compromissos e medidas que tenham por escopo a construção da mútua confiança (*Confidence Building Measures*).

Enfim, quatro capítulos integram a terceira e última parte de **Israel-Palestina...** – O conflito visto do Brasil. Norma Breda dos Santos, José Vicente Pimentel, Amaury Porto de Oliveira e Oliveiros S. Ferreira analisam a política multilateral do Brasil com relação ao conflito e apresentam interpretações possíveis sobre o grande problema médio-oriental.

Como assinalado no prefácio ao livro, é verdade que “as posições que acabaram predominando na escalada do conflito (...) são as fundamentalistas, de lado a lado, o que provoca um fechamento progressivo dos espaços de acomodações”, já que “o fundamentalismo é um quarto sem janelas”. Começar a compreender as motivações do conflito pode representar uma pequena fresta de luz sobre essa difícil questão que interpela a todos.